

DOMINGO

BRASÍLIA, 22 DE FEVEREIRO DE 2009

Economia

CRISE ANALISTAS ALERTAM PARA A RETOMADA ECONÔMICA DESIGUAL NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

O pior ainda pode estar a caminho

No momento em que a Embraer demite 20% da sua força de trabalho e a angústia em relação à economia em 2009 se intensifica, outra ameaça paira sobre a ténue retomada da indústria brasileira iniciada em janeiro. A recuperação projetada, após a queda brusca nos três últimos meses de 2008, parece ser bastante desigual entre os setores, com vários deles podendo apresentar resultados ainda muito ruins. "É difícil dizer que o pior momento já passou", diz Jander Medeiros, analista de consumo da JGP Investimentos, empresa de gestão de recursos.

O Índice de Situação Atual da Fundação Getúlio Vargas (FGV), componente do Índice de Confiança da Indústria que melhor mede a avaliação das empresas sobre a demanda a cada momento, teve quedas expressivas de dezembro para janeiro em importantes setores industriais: 4,4%, em material elétrico e de comunicações, 8,3% para mobiliário e 14,3% para vestuário e calçados.

Esses resultados foram contrabalançados pela alta em setores como produtos alimentares e material de transporte (que inclui a indústria automobilística), que tiveram altas no Índice de Situação Atual de respectivamente 10,3% e 4,6% em janeiro.

O problema, porém, para vários analistas, é que o setor automotivo pode estar se recuperando por causa de uma queda muito forte no fim do ano passado. O bom desempenho dos alimentos, por sua vez, é compatível com a atual fase da contração econômica, que ainda está mais concentrada nos produtos dependentes de crédito. "Quando eu desagreguei o resultado por setores fiquei mais preocupado, porque o índice mostra que há segmentos nobres de consumo, como eletrônicos,

mobiliário e vestuário, que ainda têm quedas muito significativas", diz Vagner Ardeo, vice-diretor do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre), da FGV no Rio.

Outros setores de bens duráveis, porém, como eletrodomésticos e móveis, não tiveram uma freada tão drástica. "Eles ainda têm de se preocupar em reduzir os estoques antes de aumentar a produção", diz o economista Bráulio Borges, da LCA Consultoria.

Medeiros, da JGP, nota que um fator determinante no desempenho dos setores é a dependência ou não do crédito (exceto a indústria automobilística, com sua dinâmica particular). Nos alimentos, que não têm vínculo com crédito, o bom momento se reflete no desempenho de empresas como o Wal Mart, que manteve planos de investimento de R\$ 1,5 bilhão, e do Pão de Açúcar, que retomou projetos.

Uma preocupação, porém, é que esses setores sejam mais afetados no momento em que o pior da crise se transferir do crédito para o emprego, como parecem indicar os recentes números da economia.